

o ensino da literatura no ginásio

JOSÉ CLEMENTE POZENATO

PROFESSOR DE LITERATURA PORTUGUESA E BRASILEIRA NA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Literatura e linguagem

O ensino da Literatura no ginásio apenas ultimamente vem chamando a atenção dos educadores. No passado, êle era reservado para os programas do segundo ciclo secundário, embora quase sempre com características de pura erudição e com outras falhas que hoje começam a ser corrigidas, a partir do impulso recebido pelos cursos de letras nas Faculdades de Filosofia. No primeiro ciclo, a atenção estava voltada para a aprendizagem da língua. É verdade que sempre se procurou colocar textos literários ao alcance dos alunos: são prova disso as antigas "seletas" e "crestomatias" e os livros didáticos mais recentes. Mas todos sabemos que êsses textos sempre foram empregados como instrumentos para o aprendizado da língua, seja como temas de análise gramatical, seja como modelos de redação.

As *Instruções para o Ensino do Português* (Diário Oficial de 5.11.1965) parecem abrir uma nova perspectiva, sugerindo um programa de distribuição de leituras, em classe e extraclasse, que cobre mais ou menos sistematicamente os períodos mais recentes da literatura de língua portuguesa. Mas embora abra um grande crédito à Literatura, recomenda ainda que ela seja entrosada com os exercícios de expressão escrita, como *instrumento* de aprendizado do manejo da língua. Esta é aliás a orientação didática mais seguida no momento, como se pode observar nos compêndios escolares.

A divergência que estabeleço aqui tem sua raiz no próprio conceito de Literatura. O fato de serem usados textos literários não

significa ainda que já se esteja iniciando o aluno na Literatura: uma coisa é a *linguagem* e outra coisa é a *arte* que se realiza através da linguagem. A palavra pode ser usada como instrumento de pensamento e de comunicação, no esforço de compreender e transmitir o mundo das coisas consideradas objetivas; como pode ser também instrumento de criação artística, isto é, de criação de novas realidades ficcionais, não-objetivas, com uma verdade própria, que denominamos Literatura.

Em ambos os casos a linguagem é um sistema de sinais com uma finalidade própria, e que deve ser aprendida em vista dessa finalidade. Aprender a linguagem apenas para sabê-la não tem sentido, uma vez que ela é sempre um sinal *de*. Assim, a linguagem objetiva deve ser aprendida para que através dela possam ser transmitidos significados históricos, geográficos, matemáticos, etc. O mesmo acontece com relação à Literatura: o simples conhecimento das formas da linguagem não é ainda conhecimento literário, enquanto através dela não se chegar ao universo típico da Literatura, que é diferente do da História, da Geografia, da Matemática, etc.

Aprender Literatura significa aprender a entrar em contato com a realidade artística da linguagem e com o mundo expresso por ela. Podemos traçar aqui um paralelo com outra arte, com a música, por exemplo. Iniciar-se na arte da música não é apenas aprender noções sobre a pauta musical ou sobre a técnica de execução de determinado instrumento. Embora isso seja também necessário, não se terá contudo descoberto o que é a música enquanto não se tiver despertado a sensibilidade para a percepção estética do som. Da mesma forma, o objetivo da iniciação à Literatura não é o de fazer aprender certas formas estilísticas da linguagem, mas de levar o aluno a perceber que está diante de uma nova espécie de mundo, que por ser criado pelo artista não tem menos verdade a dizer sobre o homem. É despertar e desenvolver a sensibilidade para a percepção estética.

Observe-se que falamos em desenvolvimento da sensibilidade como sendo o objetivo de uma adequada iniciação literária. Fica assim excluído o conhecimento erudito a respeito de autores, datas e escolas. Esse tipo de erudição nada acrescenta à capacidade de percepção estética. Pelo contrário, pode mesmo prejudicá-la, cercandô a obra de arte de um pêso de conhecimentos aborrecidos que podem levar ao desgosto da Literatura, como tem acontecido com o ensino mal orientado da Literatura no segundo ciclo secundário. Embora essa erudição seja muitas vezes confundida com conhecimentos literários, ela lhes é totalmente exterior e também desnecessária, ao menos no nível ginásial.

A Literatura no ginásio

Antes de passarmos a algumas aplicações práticas dos princípios acima expendidos, parece-me necessária a seguinte observação: a palavra ginásio designa, na prática, realidades bastante diversas. Há os ginásios de orientação tradicional, na linha de humanidades, e os há com orientação profissional. Há ginásios em que os alunos são todos adolescentes e há outros, especialmente noturnos, em que os alunos, quase sempre trabalhadores, são jovens mais maduros, quando não adultos. É evidente que se torna impossível uma orientação que não leve em conta os diversos níveis de mentalidade que essa realidade comporta. O próprio mestre, com o conhecimento que tem de seus alunos, é que muitas vezes terá a última palavra. Assim mesmo, penso que sejam úteis algumas observações. Não tratarei aqui sobre o como deve ser dada a iniciação. Simplesmente darei algumas indicações sobre o que penso possa ser dado com êsse objetivo.

a) A literatura popular

Sobretudo nos ginásios em que os alunos ultrapassaram a adolescência, e mesmo nos de orientação profissional, parece-me que a iniciação literária deva ser feita de preferência através da literatura popular ou, dentro da literatura "oficial", daquela que mais se aproxima da popular. Poderá alguém discordar ou ao menos perguntar o que significa literatura popular e se ela poderá ter valor para a educação estética.

Concordo em que a noção de arte popular pode ser ambígua. Não falo aqui daquela arte de caráter ideológico, da arte didática, feita por intelectuais que pensam assim contribuir para a cultura do povo. Por arte popular pretendo designar aquela que possui raízes mais próximas da sensibilidade popular e que se realiza num nível de menor elaboração estilística. Pode ela ser feita por artistas do povo ou por outros de cultura mais refinada, contanto que mantenha aquêles dois aspectos indicados: um grau de estilização que não dificulte em demasia a percepção e uma temática e um modo de ver ligados às tradições populares. É principalmente na poesia e em estórias curtas que podemos encontrar a quase totalidade das manifestações com essas características. Há, hoje em dia, um já abundante material recolhido de autores anônimos, de caráter folclórico. Há as literaturas regionalistas, que em geral guardam muito do estilo e da temática popular. É mesmo em autores de características mais universais podem ser encontradas pecas que atendam a essas condições. Não será difícil uma compilação de textos com essas características.

Quanto ao valor educativo dessa literatura, deve-se sem dúvida reconhecer que há a má literatura popular (como de resto há a má literatura estilizada). Uma seleção cuidadosa irá evitar êsse problema. Como iniciação, e atendendo à mentalidade do aluno quase adulto ou já adulto, a literatura popular tem a vantagem de se situar no seu mesmo nível de consciência, podendo ser um bom ponto de partida para o ingresso na percepção de uma arte mais requintada. Além disso, ela possui uma força muito grande como sugestão para a criação, que é também educativa, e que não seria despertada com o conhecimento de uma arte mais cultivada.

b) A "ficção científica" e outras ficções

Todos sabemos do verdadeiro magnetismo que a chamada "ficção científica" exerce hoje, especialmente sobre os adolescentes. E existe também uma manifesta má vontade em reconhecer-lhe qualquer valor literário por parte das pessoas "cultas". Algumas observações se fazem necessárias.

Em primeiro lugar, a denominação de "científica" dada a êsse tipo de ficção é também ambígua. Que há nela de *científico*? Não é antes um mundo de invenções mirabolantes, de imaginação desenfreada? Se formos comparar a denominada "ficção científica" com as aventuras heróicas que fizeram as delícias de muitos, em tôdas as épocas, veremos que há na primeira apenas variações secundárias, ditadas pelo espírito da época. Em tôda estória de aventuras figuram êstes três elementos: o herói, os feitos (do herói) e as armas (ou recursos, ou instrumentos de que se serve o herói). Quanto mais próximas forem as estórias do gosto popular, mais êsses elementos são simplificados e magnificados: o herói será sempre uma personagem fora do comum, imbatível; os seus feitos serão feitos extraordinários, inverossímeis; e os recursos de que se utiliza são sempre incomuns: que diferença existe entre o *robô* a serviço de um herói interplanetário e a espada de fogo de um cavaleiro medieval? A diferença é apenas circunstancial; os elementos estruturais permanecem os mesmos. Se pois as boas novelas de cavalaria são consideradas obras literárias, ainda que de caráter popular, não vejo por que a "ficção científica" que a veio substituir não possa ser também assim considerada. Na sua utilização para o ensino será apenas necessária uma vigilância especial sobre a linguagem. Lembro mais uma vez que falamos de iniciação à literatura, portanto de um trabalho propedêutico que deve levar em consideração o nível de consciência do educando.

Quanto às demais obras de ficção, há também uma necessidade de escolha, que atenda sempre à mentalidade e aos interesses

do aluno em cada idade e tenha um grau de estilização acessível. Evidentemente Machado de Assis, sendo embora a maior figura de nossas letras, dificilmente será aceito e compreendido no nível ginásial. Uma iniciação prematura a determinadas obras e autores é sempre contraproducente, a não ser em casos excepcionais.

c) A poesia lírica

A poesia, que é a mais alta realização da arte da linguagem, deve sem dúvida estar presente na iniciação literária. O que não é difícil, sobretudo com a poesia lírica, que é de mais fácil percepção. Todas as literaturas tiveram seu início com o lirismo, o que vem demonstrar as suas profundas raízes na alma humana. E qual a criança que não sabe de cor algum "versinho", algumas vezes simples jôgo de palavras, mas quase sempre penetrado de ingênuo lirismo? A literatura de língua portuguesa tem uma longa tradição lírica, que é uma fonte quase inesgotável de material. Ao lado dos poetas do passado, sobretudo de alguns românticos, há inúmeras peças líricas acessíveis que podem ser colhidas em poetas modernos, como Manuel Bandeira, o Jorge de Lima da primeira fase, Cecília Meirelles e outros. Essa seleção não deverá incluir necessariamente o que consideramos "os melhores momentos" da poesia. O que é importante é que, guardando o caráter de verdadeira poesia, de lirismo autêntico, as peças escolhidas estejam ao nível de sensibilidade e de compreensão do aluno.

d) A crônica

Uma palavra também sobre a crônica, que é uma espécie de novo gênero literário, de tão larga difusão no Brasil que pode ser encontrada nas revistas e na imprensa diária. Essa própria difusão poderá servir como motivação para o interesse dos alunos, de modo especial dos últimos anos do ginásio. Ela exige uma maior sensibilidade, porque é uma mistura de especulação racional e de ingenuidade lírica, que vem ter como resultado uma linguagem saborosa, mesclada de agudeza e de sabor popular.

Parece-me que é possível distinguir dois tipos principais de crônicas: a crônica quase-lirismo e a crônica quase-conto. Há exemplos das duas espécies em todos os grandes cronistas: Rubem Braga, Fernando Sabino, Drummond de Andrade. A crônica quase-conto, colhida quase sempre de observações do cotidiano, é mais acessível, mesmo aos alunos dos primeiros anos. A outra talvez seja mais aproveitada nos últimos anos. Por não possuir um esquema tão rigoroso como o da poesia e o do conto, por exemplo, a crônica tem uma força muito grande como sugestão para a cria-

ção, para a qual os alunos podem ser encaminhados, não apenas como exercício de linguagem, mas como verdadeiro aprendizado de criação artística.

Para concluir, parece-me que para uma adequada iniciação à literatura no ginásio são necessários estes três pressupostos: em primeiro lugar, reconhecer na literatura uma obra de arte, que como realidade e como conhecimento difere da realidade e do conhecimento científicos; em segundo lugar, estabelecer como objetivo da educação literária o despertar e desenvolver a sensibilidade para a percepção estética, ao invés de promover um árido estudo das formas estilísticas ou um acúmulo de erudição meramente curiosa; por fim, levar em conta o grau de desenvolvimento do aluno para a apresentação de textos e para a análise das riquezas artísticas nêles. Tudo isso terá como resultado o ser a literatura encarada como um fim em si mesma e não apenas um instrumento de estudo da linguagem. Assim não ocorrerá o que tem acontecido a tantos, de tomarem ódio a Camões por terem sido obrigados a descobrir nêle apenas a contextura lógica das orações. Acima de tudo, será a sensibilidade estética do mestre a última garantia de que ela será também despertada nos educandos.